

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175- 974X

lugares do habitar
places of living REVISITED
sem 1 - 11

Como citar este texto: ELEB, M. Lugares, gestos e palavras do conforto em casa. Traduzido do francês por Axel Dieudonné. **VIRUS**, São Carlos, n. 5, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=3&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Monique Eleb é Psicóloga e Doutora em Sociologia, professora da École d'Architecture Paris-Malaquais, França, diretora do grupo de pesquisa Arquitetura, Cultura e Sociedade (ACS), especialista em Arquitetura Doméstica, estuda a evolução da habitação relacionada aos modos de vida na França.

Lugares, gestos e palavras do conforto em casa

Monique Eleb

Este artigo foi extraído de um dos capítulos do nosso livro intitulado "*Vu de l'intérieur. Habiter un immeuble en Ile de France (1945-2010)*" [Visto do interior: Habitar um edifício de apartamentos na Ile de France (1945-2010)], com Sabri Bendimérad, Archibooks/Ordre des Architectes d'Ile de France, 2011.

O conforto é tanto uma noção construída quanto uma conquista. Ao longo do século XX, a noção de conforto passou da expressão de um sentimento qualitativo e subjetivo para uma noção mensurável e objetiva, relativa à ideia de equipar a habitação e igualmente ligada ao progresso. Portanto, ela questiona a relação da sociedade com o corpo, assim como a concepção, mutável, do bem-estar. A ideia de fornecer a todos um mínimo requerido deste bem-estar, avaliado por técnicos e até mesmo por tecnocratas, determinaria numerosas escolhas. O conforto igualmente remete aos ideais de uma sociedade. Assim sendo, a concepção de felicidade propagada nos anos 1950, após os tempos de privação, estava ligada à posse de objetos e equipamentos considerados como atenuadores dos trabalhos domésticos e "libertadores da mulher", soberana em sua casa higiênica e, em suplemento, sustentáculo do estatuto do homem. Quem ousaria assumir este discurso atualmente?

O conforto, entre valor positivo e modo de vida

Na virada do século XIX, o termo *comfort*, tomado por empréstimo aos Ingleses e transformado em *confort* [conforto], é compreendido como um prazer cotidiano ou como uma necessidade transformada em anseio: cuidar do seu corpo, aprender a descontrair-se e, paulatinamente, acostumar-se a se lavar todos os dias, um estado de coisas que mudaria a habitação. Do ponto de vista dos abastados, o conforto corresponde a um modo de vida

escolhido que, desde logo, viria a integrar exigências. As posições dos sanitaristas foram interiorizadas e trata-se, sabendo-se da importância da aeração e da luz solar, de viver em casas providas de janelas amplas e bem orientadas. A chegada, desde o final do século XIX, dos serviços de água, gás natural, luz e telefone oferecidos pelas redes técnicas melhorou progressivamente a vida cotidiana, embora continuasse a perpetuar as desigualdades sociais, já que alguns dentre estes equipamentos não chegariam senão muito tardiamente aos bairros desfavorecidos e que a rede de água encanada, no início dos anos 1950, ainda não se encontrava universalmente instalada em toda a Região de Paris.

Entre 1928 e 1959, os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) perpetuariam a tradição sanitarista, promovendo a um só tempo a aeração e a funcionalidade, por vezes, em detrimento da complexidade simbólica da habitação e do seu entorno ambiental. O corpo é central em suas reflexões, mas trata-se de um corpo esportivo, bem pouco sensual, sobretudo quando é questão de alojar a classe operária em um *habitat* mínimo. Paralelamente, arquitetos menos radicais construiriam prédios com pátio, arejados, não menos salubres, muito amiúde mais urbanos, como aqueles da “*ceinture de briques rouges de Paris*” [N.T.: Habitações populares construídas no Pré-Guerra, atualmente denominadas cinturão de tijolo vermelho de Paris]. Após ter chegado à região parisiense em proveniência do mundo rural, a classe operária descobre, em algumas habitações bem estudadas, o conforto e a comodidade, aprendendo a gostar de “estar em casa”, a provar o charme de um interior limpo, bem cuidado e agradável, valores até então burgueses (ELEB, 1994; KNIBICHLER, 1991, 1987).

Os terraços plantados, as coberturas, caracterizavam o *habitat* parisiense de luxo nos anos 1930 e reapareceriam, quando o construtor esteve aberto à demanda social, em vários momentos ao longo da segunda metade do século XX (SIMON; LECLERCQ, 1994), especialmente nos conjuntos habitacionais. Os imóveis em vários planos de Henri Sauvage, os “*gradins-jardins*” [plataformas/planos-jardins], os imóveis em forma de pirâmide dos anos 1970, notadamente aqueles de Andraut e Parat em Evry, estão presentes na memória. Este desejo de uma lembrança da natureza em casa, de um interior exteriorizado ou o inverso, conduziu numerosos arquitetos a revisitarem estes dispositivos. Assim sendo, desde os anos 1980, muitas construções, notadamente aquelas de Edith Girard, ganharam coberturas.

A conquista da higiene e do conforto para todos

Entretanto, esta salubridade para todos, programada antes da Primeira Guerra Mundial, se confrontaria com a situação catastrófica das condições habitacionais advindas da destruição, assim como com uma queda na oferta. O calote dos alugueres, insignificante até 1940, não permite a manutenção dos imóveis pelos proprietários e provoca a sua degradação. Esta situação habitacional e o grande número de “mal alojados” seriam inclusive denunciados pelo Abade Pierre, em 1954. O período da Reconstrução é marcado por uma ação do Estado, tanto

ao nível dos financiamentos quanto no tocante à implantação dos programas habitacionais, ou ainda no que tange o incentivo à industrialização, considerado um meio de acelerar o ritmo das construções. Embora se saiba que os franceses preferem a casa individual, o Estado opta por empreender a construção de habitações coletivas, em “grandes conjuntos”¹, os quais, em primeiro momento, seriam bem acolhidos. Acelera-se criação de canteiros de obras para estas operações, muito frequentemente situadas nos arredores das cidades. A imagem geral que atualmente caracteriza estes conjuntos - seriam todos mal construídos, reservados às classes populares e situados em enclaves - não derivam de uma observação *in loco*. Alguns, apresentando dificuldades em neles se viver em termos de acesso à cidade de referência, igualmente possuem unidades de alta qualidade, os quais foram objeto de inúmeras reflexões que levaram em conta modos de vida, e foram transmitidos entre si pelos habitantes, eventualmente geração após geração. Em contrapartida, outros pecam por uma concepção obsoleta de conforto, em razão de precipitações no canteiro de obras ou da queda drástica dos custos que impede atingir uma qualidade aceitável. Desde o final do período, eles seriam severamente criticados. Por sua vez, os imóveis de luxo experimentam dispositivos, a um só tempo, funcionais e adaptados aos estilos de vida observados pelos arquitetos.

O conforto proposto nas revistas ou exposições, ao longo dos anos 1950, aparenta estar fora do alcance aos olhos da maioria dos franceses. Embora, nesta mesma época, dispositivos ainda atualmente considerados modernos sejam experimentados na habitação popular, à imagem das cozinhas abertas (ainda que somente paulatinamente aceitas), as divisórias deslizantes e as habitações adaptáveis às horas do dia ou à evolução familiar.

A França lança-se como um todo na aquisição do “eletrodoméstico”, transformado em um verdadeiro “objeto de desejo” (FORTY, 1992), e os decoradores e arquitetos tentam difundir em todas as classes sociais um tipo de mobília leve, depurada e liberada do “rústico” e dos “estofados”, com um sucesso bem relativo. Duas peças são centrais nesta proeminência do conforto: a cozinha e o banheiro. No transcorrer do século XX, a primeira transforma-se e é deslocada no interior da habitação, a segunda teve que ser criada e rapidamente substituiria o luxuoso *cabinet de toilette* do século XIX, mobiliado e ornamentado.

Conforto para todos, mas conforto normatizado

No Pós-Guerra, o recenseamento geral da população de 1946, incluindo pela primeira vez questões relativas aos “elementos de conforto: água, gás, eletricidade, instalações sanitárias”, mostra que em cada três lares um está em condições de sobreocupação (2 pessoas por cômodo), e, sobretudo, que somente 6% das residências principais dispõem de ducha ou banheira, que apenas uma habitação em cada cinco está equipada com lavabo privativo e que

¹ Cf. Maurice Rotival que propõe este termo desde 1935 em *L'Architecture d'aujourd'hui* (junho de 1935) .

somente 37% dispõem de água encanada! No entanto, ainda em 1951, um levantamento do INED² mostraria que 32% dos entrevistados “acham normal se lavarem na cozinha”³.

Os *Salons des Arts ménagers*⁴ igualmente são reputados como meios para se conduzir os franceses à era da modernidade, através da aquisição de objetos, móveis e equipamentos visando aumentar o conforto. Em que pese a padronização intensiva e a pré-fabricação, o ideal de conforto continua na esfera das aspirações. Como o serviço de aquecimento era raro, “muitas famílias de condição social inferior são obrigadas a viverem na estação fria, ou seja durante oito meses, em suas cozinhas [...] o aquecimento central permanece um sonho de todos. Nenhuma dona de casa admitiria ter dois fogos acesos a um só tempo, um na alcova cozinha e outro na grande sala de estar” (LAPRADE, 1950, p.6). Preocupação que rapidamente tornar-se-ia obsoleta.

Outros hábit(os), outras técnicas, outro léxico

Os espaços neste Pós-Guerra, fotografados ou desenhados, estes objetos, estes textos, mostram-nos a evolução dos modos de fazer e dizer, dos gestuais e do vocabulário. Eles mostram, na realidade, a lenta incorporação da necessidade de se lavar, de tirar proveito do “progresso”, embora em ritmo diferente segundo a classe social. A representação do conforto muda, ao mesmo tempo em que se transformam as sensações condutoras ao descobrimento destes novos objetos.

Atualmente transcorridos não mais que 60 anos, é um mundo totalmente distinto que aparece, em lugar das habitações onde se passa frequentemente muito frio, nas quais as mulheres fazem ferver a roupa com produtos perigosos que lhes atacam as mãos e onde elas transportam bacias com água fervente da cozinha ao banheiro, isso quando possuem esta última. Gestos e riscos esquecidos, como aquele referente a subir o seu “*bac à douche-lavoir*”⁵ (até qual idade seria alguém capaz disso na época?), onde a roupa é por vezes mergulhada em um produto tóxico... circunstância vista como natural, considerando-se o ciclo da roupa suja, longo e fastidioso, tanto quanto era normal o fato de se possuir uma lavanderia aberta, permitindo a evacuação dos vapores e a secagem, ou ainda de se ter um cesto de roupa suja em sua sacada.

Laprade mostra inclusive a qual ponto isso tudo é banal: “o banheiro para ferver e lavar a roupa e um varal, quer seja no sótão ou na parte externa, tornado invisível por um biombo de concreto [elemento vazado?], são indispensáveis” (LAPRADE, 1950, p.6, grifo da autora). Uma evidência, totalmente “natural” de uma época!

² N.T. Instituto Nacional de Estudos Demográficos. Em francês: *Institut national d'études démographiques*.

³ “Comment le Français veut-il être logé” **Sciences et vie**, n° especial, L'habitation, março de 1951, p. 27.

⁴ Cf. em *Vu de l'intérieur*, o artigo de Lionel Engrand sobre *Arts Ménagers*.

⁵ N.T. Box para chuveiro-tanque. Trata-se de um equipamento sanitário em geral de louça reunindo as funções de banho com chuveiro e lavagem de roupa manual.

O nome geladeira ainda não é conhecido senão pelos “*happy few*” e o armário aberto sob a janela da cozinha ainda é a regra. Não se imagina então a subsequente pequena “revolução das máquinas”, pois, evidentemente, a difusão da máquina de lavar e da geladeira tornaria obsoletos todos estes objetos e as correlatas organizações da vida cotidiana.

A racionalização do trabalho doméstico, no prolongamento das reflexões sobre o taylorismo doméstico desenvolvidas nos anos 1920, ainda estaria presente no Pós-Guerra no conteúdo das revistas e periódicos e nas exposições sobre habitação. Ela legitima o trabalho doméstico feminino e incite a se reconhecê-lo enquanto tal. Assim sendo, o equipamento “moderno” que o “facilita” é então apresentado como uma necessidade. A imprensa especializada consagra edições especiais ao “equipamento da casa”, participando deste e participe desta febre em favor da democratização do bem-estar⁶. Pierre Sonrel, arquiteto e jornalista, em um artigo de 1947 sobre “As funções da habitação” (SONREL, 1947, p.242-243), analisa as “necessidades fundamentais” às quais devem responder as moradias contemporâneas: alimentação, distração-diálogos, sono, puericultura, arrumação-locais anexos, higiene, circulações. Deste modo, ele oferece de passagem uma definição do conforto, segundo a qual ele seria: “O conjunto das regras a seguir, por um lado, para preservar o indivíduo dos rigores da natureza circundante sem privá-lo das suas influências vivificantes e, por outra parte, para aumentar as suas possibilidades de desenvolvimento físico e moral, liberando-o dos trabalhos maçantes”. Nas revistas populares, a ênfase é antes colocada sobre o aspecto prático do equipamento, das instalações, assim como sobre a bricolagem, ao passo que as publicações especializadas apresentam uma abordagem científica do funcionalismo, aproximada das reflexões sobre o *habitat* mínimo, reforçando a imagem de uma moradia regulada, normatizada e pouco flexível.

Todavia, alguns arquitetos resistem e a posição funcionalista ainda dominante seria portanto questionada, tal como demonstra a abordagem de Roland Bechman, quando ele faz, desde 1948, uma defesa da flexibilidade (BECHMAN, 1948). Ele propõe o novo conceito referente à “*maison-enveloppe*” [casa-envelope], no interior da qual maior liberdade é conferida às destruições, “*tão independentes quanto possível da construção*” para contemplar as modificações da família. Trata-se, por assim dizer, de uma espécie de planta livre em cujas paredes divisórias são, entretanto, pré-fabricadas. Ele igualmente evoca as “divisórias *móveis*, (deslizantes, pivotantes, embutidas)”, referindo-se à cultura da casa japonesa e às “divisórias modificáveis (desmontáveis, removíveis)”. Entretanto, ele coloca a questão do isolamento acústico a ser aperfeiçoado para que estas soluções sejam tenham receptividade. Questão até hoje mal resolvida.

Esta posição, aparentemente tão contemporânea, seria aplicada por alguns e, em seguida, logo rejeitada, em função das necessidades da reconstrução e da industrialização das obras, pois os métodos de construção que se banalizam deixam pouco espaço para a diversidade distributiva e para a reflexão acerca da organização espacial interna. As plantas das moradias

⁶ Como L’Architecture d’Aujourd’hui, Techniques et Architecture ou ainda l’Architecture Française

são marcadas redistribuição das atribuições entre engenheiros, arquitetos e construtores. E podemos fazer uma constatação: desde a Segunda Guerra Mundial e após a subsequente Reconstrução, as variáveis culturais, os rituais ligados aos diferentes grupos sociais foram minorados. As relações homem/mulher e pais/filhos na casa, tornam-se paulatinamente menos fundamentais na reflexão sobre a organização destes projetos. Os métodos construtivos, a pesquisa relativa à redução de custos e as normas técnicas explicam em larga medida este estado de coisas.

No entanto, se o "invólucro" se fixa em tipos tais que as barras e as torres, a evolução do conteúdo, do equipamento, compõe o objeto de todas as atenções, com o desenvolvimento pelos Franceses de um grande apetite em relação aos objetos da modernidades. E, obviamente, há então uma guinada para a "América" e a sua concepção de conforto. Assim sendo, a "sala de estar" das moradias populares, combinando cozinha e sala, seria rebatizada por promotores como "cozinha americana", termo que tem o objetivo de apresentá-la como última palavra em termos de modernidade, para uma melhor aceitação da sua área muito reduzida. Além disso, o construtor economiza uma parede divisória e/ou uma porta. É conhecido o desdobramento desta ilusão perceptiva.

Desde os anos 1950 e durante as três décadas subsequentes, a mobília tende a tornar-se mais leve, os móveis estofados ainda ocupam o primeiro escalão junto a alguns grupos sociais, mas ganham a companhia, em meio àqueles que se pretendem na vanguarda e têm o gosto pela vida rente ao solo, por móveis menos pesados, banquetas, pufes, sofás infláveis, cubos de espuma vivamente coloridos, frequentemente de cor laranja nos anos 1970, a exemplo de algumas lâmpadas⁷.

A organização da moradia ou como chegamos a este estúdio?

As normas, os códigos, o *savoir-faire* de toda a cadeia produtiva da moradia finalmente chegaram ao ponto de produzirem um tipo de moradia francesa característica. Uma definição de moradia "clássica" é atualmente dada por um site do Ministério da Habitação, sem todavia esquivar-se de uma ponta de crítica subjacente. A habitação do nosso tempo seria "uma moradia para uma família com filho(s) de pouca idade (o que se traduz pelo tamanho dos quartos e pela sua pouca autonomia em sua relação entre si), na qual a parte pública (cozinha-sala de estar) e a parte privada (quarto-banheiro) estão dissociadas. Este modelo, comportando múltiplas portas e um *hall* de entrada independente e geralmente sem janelas, descreve o apartamento denominado 'clássico' que se opõe a qualquer outra tipologia, desde então denominado 'atípico'".

Esta normatização dos dispositivos e das áreas é implementada nos anos 1950, com a industrialização das obras, perdurando até hoje com leves adaptações, por vezes reversíveis e

⁷ Cf. a exposição festiva recém-encerrada no Musée des Arts décoratifs em Paris, *Mobiboom. L'explosion du design en France, 1945-1975*.

devidas às preocupações que se sucederam, tais como, por exemplo, aquela referente ao não desperdício das fontes de energia (crise do petróleo) ou à adequação da moradia às pessoas com mobília reduzida. A própria família é normatizada, pois o alvo mais frequente dos construtores é a família nuclear com as suas duas crianças. Se, no *habitat* burguês permanece presente a tripartição interna e a sua dissociação entre as áreas públicas, privadas e de serviço, há vários séculos reguladora da organização interna da habitação, no que diz respeito ao restante da produção, é a bipartição que prevalece no início dos anos 1950, com o “lampejo” relacionado à divisão da moradia em duas zonas dia/noite (MOLEY, 1985). Esta exceção francesa, concebida por técnicos preocupados em agrupar os fluidos, seria por eles apresentada como derivada de um anseio dos moradores, mas na verdade ela permite sobretudo uma redução de custos.

Dois tipos de projeto se banalizam. As moradias com dupla orientação têm uma cozinha faceando a “sala de estar” e as dependências úmidas são agrupadas, ao passo que a planta da moradia popular continua a se estruturar em torno da sala comum, um polo de distribuição que deve ser atravessado para se alcançar os outros cômodos⁸.

O interior dos conjuntos habitacionais muda igualmente no tocante à decoração. A febre pelos revestimentos de fácil manutenção, como a *Fórmica*, denota um último sobressalto da onda sanitaria do final do século XIX, integrada por todas as classes sociais. A sala, no Pré-Guerra denominada “*living-room*” ou “*studio*” pelas classes privilegiadas e médias e “sala comum” pelas classes populares, torna-se “sala de estar” para todos, dotada de “móveis modulares”, os quais se difundem naquele período, assim como do *coin-repas* [canto de refeição], consumando o ocaso da sala de jantar.

Ao longo de todo o período de construção dos grandes conjuntos habitacionais (aproximadamente de 1950 a 1974), a industrialização, a pré-fabricação de módulos idênticos e repetidos, menos custosos que os materiais habituais, marginaliza a questão da organização interior e provoca, na maioria dos projetos de moradia social, planos repetitivos, submetidos aos métodos construtivos empregados e sem maiores reflexões acerca das utilidades⁹. Os empreendimentos privados seguirá muito rapidamente esta direção, durante muito tempo retomando sem maiores questionamentos os dispositivos colocados em prática pela moradia social.

No entanto, ótimos arquitetos ainda inovam e refletem sobre os meios para se tornar mais confortável o *habitat* mínimo e sobre como abri-lo, inclusive no caso de um grande conjunto, a um espaço externo agradável, jardins, ou dotando-o de terraços com vista para uma paisagem arborizada. As finalidades observadas no cotidiano encontram-se então na base da concepção.

⁸ Modelo mais reproduzido de moradia bem modesta com sala comum distributiva, oriundo do 1º concurso para a construção de Habitações baratas da cidade de Paris, Rua Henri Becque, ganho por Albencque e Gonnot (1913).

⁹ Como o demonstram os *Cahiers du Centre Scientifique et Technique du Bâtiment* da época.

Desde 1962, o estado das moradias é levado em consideração pelo INSEE¹⁰ “que combina as características da parte bruta da obra com os elementos do conforto interno das moradias”. Nesta década de 1960-1970, a qualidade das habitações novas melhorou de acordo com alguns critérios, pois elas são maiores que no antigo parque habitacional (3,5 cômodos em lugar de 3) e, em cada dez moradias, oito dispõem de equipamentos sanitários que começam a se assemelhar àsquelas dos quais dispomos atualmente. Paralelamente, as moradias construídas no Pré-Guerra, as quais não dispunham senão raramente de sanitários, foram reformadas e passamos de 13% de moradias equipadas (portanto, “confortáveis” segundo o INSEE), antes de 1945, para 90% em 1996 e 99% nos dias de hoje. Além disso, a diminuição no tamanho dos lares é considerável e uma residência acolhe atualmente, em média, 2,6 pessoas comparativamente às 4 abrigadas no início do século XX, estado de coisas que faria aumentar a sensação de conforto. A melhora generalizada do nível de vida no Pós-Guerra tem igualmente reflexos no *habitat* que viria, por muito tempo, a ocupar o primeiro lugar no rol das despesas do orçamento dos lares.

Retorno à urbanidade?

As proposições utópicas dos anos 1970 visam confrontar a mediocridade da “moradia industrial”: moradias adaptadas a grupos específicos, moradias adaptáveis e com divisórias móveis que seguem as transformações da família, etc., os temas considerados utópicos nos anos 1950 são novamente atualizados. Estas organizações estariam supostamente aptas a favorecerem a apropriação da moradia. O respeito pelo morador e pelo seu estilo de vida, a descoberta pelo meio arquitetônico da noção de modelo cultural, termo adaptado por Henri Lefebvre e Henri Raymond seguindo a noção de *habitus*¹¹ de Marcel Mauss, lembra aos arquitetos que o *habitat* é um fato cultural. O tipo que perdurou em relação a esta abundância de proposições e experimentações é o *habitat* intermediário, entre o individual e o coletivo, dotado de uma entrada individual e de prolongamentos externos hoje retomados por arquitetos preocupados em “prover a moradia coletiva das qualidades da casa individual”.

O *habitat* intermediário permite penetrar diretamente em sua casa, ter um terraço, mas igualmente vizinhos próximos, na realidade, habitar em uma moradia individual embora agrupada. A mais notável dentre estas experiências é aquela de Jacques Bardet no Vale de Hyères (1967-1969), porém os numerosos projetos de imóveis piramidais teriam o mesmo objetivo. Trata-se, obviamente, de uma variação do *gradin* [planos sequenciais], inaugurado por Henri Sauvage e Charles Sarazin em Paris, no ano de 1913 na Rua Vavin, propondo uma

¹⁰ N.T. Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos. Em francês: *Institut National de la Statistique et des Etudes Economiques*.

¹¹ Cf. Henri Lefebvre, **Critique de la vie quotidienne**, vol. I et II, ed. de L'arche, de 1958 e 1961 e o seu prefácio ao livro de H. Raymond e M-G. Raymond, A. e N. Haumont, **L'habitat pavillonnaire**, ISU, CRU, 1966. Mauss propõe encarar os modos de fazer, os gestos da vida cotidiana, como uma interiorização dos valores e da ética de uma sociedade. Cf. **Sociologie et Anthropologie**, cf. em particular "Les techniques du corps", Paris, P.U.F., 1966.

arte de viver na cidade que permite manter uma relação com a natureza, acompanhar a sequência das estações, arejar-se e receber a luz solar.

Já desponta o retorno à urbanidade, no mais amplo sentido do termo: construir uma cidade que novamente proporcionasse a vontade de se viver em conjunto, com lugares para se encontrar e que reintroduzisse um amálgama de tipos arquiteturais, de modo a recriar uma mistura social, esta é a crença deste período, todos temas atualmente reencontrados. Os pátios plantados tiveram o seu retorno. Eles são reputados tanto por facilitarem a sociabilidade entre vizinhos quanto pela sua capacidade de aeração.

No tocante à mobília, paulatinamente, o gosto por se estar alongado em colchões para receber visitas ou para assistir televisão, característico de uma determinada vanguarda dos anos 1965-1975, é interrompido e a mobília retoma os seus assentos mais elevados. No entanto, pouco a pouco, os móveis estofados copiados de modelos antigos são substituídos, na maioria dos grupos sociais, em proveito de móveis industrializados, embora concebidos por *designers* suecos, ingleses e, eventualmente, franceses.

Atravessando todas estas mudanças, o estereótipo do casal com os seus dois filhos permaneceu, contudo, como a base da programação do *habitat*. Ainda atualmente, estamos apenas começando a levar em conta as transformações da estrutura do grupo doméstico (famílias mono-parentais, convívio de várias gerações na mesma habitação, coabitação...), assim como dos seus ritmos de vida. O *habitat* específico teve o seu início com uma atenção particular voltada para a moradia estudantil e para as pessoas idosas. As grandes famílias recompostas e os coabitantes ainda não são considerados senão nos concursos de ideias sobre a evolução paralela da moradia e dos estilos de vida. Muitas reflexões, poucas construções.

Área, beleza, saúde

Este século é aquele da notável inversão de uma tendência que perdurava por séculos: o *habitat* de luxo propunha modelos que, reduzidos, eram transpostos para a criação do *habitat* mais modesto. Ao início do século XX, o avanço do sanitarismo no âmbito da moradia social produz um modelo dessa inversão, ao menos em alguns projetos: a cozinha equipada, a aeração calculada, o tratamento dos quartos destinados às crianças. Entretanto, atualmente no *habitat* da classe média abastada ou da alta classe média, algumas normas de superfície são retomadas e conduzem a distribuições que não se justificam senão dificilmente. Os dormitórios minúsculos impuseram-se em todos os tipos de moradia e em grande parte das classes sociais, não obstante as reações negativas de numerosos habitantes. Novamente encontramos os 9 m² mínimos do início do século, obrigatórios para os quartos das moradias destinadas às classes populares. Respondendo a múltiplas funções, elas são atualmente concebidas e organizadas, tanto para adultos quanto para as crianças, como um lugar de lazer, de repouso, de trabalho, de recepção dos amigos, sendo portanto e simultaneamente públicas e privadas, o que exigiria dimensões generosas tendo em vista que muito amiúde se

tornaram um ambiente de convívio (NEITZERT, 1990). A regulamentação concernente às pessoas com mobilidade reduzida permite atualmente aumentar o tamanho dos quartos, pois a cadeira de rodas deve neles poder girar. Todavia, se os corredores igualmente aumentaram em suas proporções, os ambientes de convívio, por sua vez, foram reduzidos.

Além da questão do tipo e do programa que qualificam a moradia, a questão da sua área média é atualmente crucial, pois no tocante ao imóvel coletivo, ela está estagnada há 25 anos na França, estando hoje entre as mais reduzidas da Europa (65 a 66 m² em média)

Segundo Jean Nouvel "Uma bela moradia é uma grande moradia", isso evidentemente não basta e o papel dos arquitetos consiste em propor distribuições que correspondam aos estilos de vida do momento. Atualmente, estes últimos são tão penalizados quanto os moradores e se ligam aos prolongamentos da moradia, os quais igualmente não dispõem senão dos metros quadrados habitáveis. Portanto, observa-se a multiplicação dos terraços, galerias ou pórticos, sacadas largas, todos ligados à sala de estar e à cozinha, dispositivo que permite numerosas utilizações, diferentes no verão e no inverno. Os tetos-terraços ou as paredes revestidas com plantas são, desde então concebidos pelos arquitetos para aumentar o conforto térmico. O pátio e o jardim privativo são, muito amiúde, facultativos. Trata-se frequentemente hoje da única inovação nos imóveis coletivos.

O enorme esforço de construção levado a cabo após a guerra renovou em mais de 50% o parque habitacional na França. O conforto, em sua dimensão objetiva, quantificada e normatizada, melhorou portanto consideravelmente após esta data¹². Mas simultaneamente, as exigências dos franceses em matéria de conforto, igual e sensivelmente, evoluíram e os habitantes das grandes cidades nos conjuntos habitacionais novos reclamam sempre, como vimos, da área dos cômodos, da questão mal resolvida da roupa suja, dos problemas de manutenção no *collectif aidé* [coletivo ajudado], assim como da falta de inserção urbana (relação com o centro da cidade, qualidade da paisagem urbana). Sobretudo, deve-se pagar pelo acesso ao conforto para todos e por algumas ideias abstratas especialmente ligadas ao desenvolvimento sustentável, na perspectiva de uma moradia sempre mais normatizada e com uma organização cada vez mais estereotipada e cada vez mais distante das utilizações reais dos seus habitantes. Por exemplo, a necessidade de aeração muito compartilhada condena as soluções que proíbem a abertura das janelas e reduzem o seu tamanho. Pesquisas de opinião mostram que um dos primeiros critérios dos habitantes para a escolha de uma moradia é, além da sua localização, a sua claridade ou a sua luminosidade. Superestimar uma variável conduz a escolhas discutíveis. Inclusive, certos arquitetos resistem a este ditame, ao reintroduzirem grandes janelas e até mesmo batentes bem altos que são tratados para efeito

¹² O tamanho médio das moradias passou de 2,7 cômodos em 1946 para 3 cômodos em 1962 e para 4 cômodos em 1992, permanecendo neste nível desde então. Cf. François Clanché, Anne-Marie Fribourg "Grandes évolutions du parc et des ménages depuis 1950" in **Logement et habitat, l'état des savoirs** (coll.), Ed. La Découverte, 1998 e INSEE première, 2006.

de isolamento térmico e acústico¹³. Estas janelas tornam-se então verdadeiros dispositivos protetores, frequentemente muito bem resolvidos do ponto de vista estético, conferindo maior qualidade aos cômodos: bela madeira, aparadores e jogo de luz. Trata-se de uma escolha na delicada negociação que eles operam no sentido de oferecer um prazer do espaço aos habitantes, considerando limites de custo muito apertados.

As preocupações ecológicas deste início de século XXI têm aumentado a atenção dedicada à influência exercida pelo ambiente construído na saúde dos habitantes. Desde o início do século a relação com o ar mudou consideravelmente. O volume de metros cúbicos de ar por cômodo habitado era medido e a aeração das moradias é uma garantia de salubridade. Atualmente tenta-se assegurar que o ar seja limpo, tanto interna quanto externamente às moradias. A confiabilidade ecológica dos materiais utilizados, a condensação e a umidade que provocam alergias, assim como o isolamento acústico, tornaram-se questões a serem controladas. O *expert* em questões térmicas tornou-se especialista da habitação após as crises petrolíferas de no âmbito das campanhas nacionais em favor da economia de energia.

O gosto pelo *loft*, difundido pelas revistas de decoração e nas emissões televisivas, não diz respeito ainda senão a uma pequena parcela da população e, atualmente, denomina-se *loft* toda grande área com duplo pé-direito, ao passo que originalmente o termo designava uma construção industrial ou comercial transformado em moradia. O grande cômodo multifuncional, a sala onde todo mundo vivia sob o olhar de todos, caracterizou o *habitat* da Idade-Média, até o final do século XVI. A divisão em cômodos especializados surgiu com crescimento do individualismo. Como então compreender este retorno nos dias de hoje, este gosto de certos habitantes, alheios ao mundo dos arquitetos que, eles, sempre associaram a beleza aos grandes volumes? Este desejo pelo *loft*, nos indicaria ele um retorno dos valores familiares? Estes valores estavam evidenciados em algumas moradias concebidas nos anos 1970, por exemplo, com os ambientes de convívio distributivos, os quais deviam ser atravessados para se alcançar cada cômodo, aos quais se retorna atualmente por razões de economia, devido à supressão da área do corredor... As pesquisas de opinião mostram, entretanto, a persistência da necessidade de intimidade junto àqueles habitantes que instalam um pequeno *hall* de entrada quando o quando o arquiteto havia previsto uma entrada pela sala de estar ou junto àqueles que fecham os espaços abertos propostos (quarto ou cozinha com abertura para a sala de estar).

Os paradoxos do conforto

Embora as mentalidades tenham evoluído junto aos produtores de moradia, numerosas variáveis poderiam ser analisadas para se mostrar certa incoerência entre as escolhas de

¹³ Os dispositivos de Jean Dubuisson, especialmente em suas obras de Montparnasse, haviam indicado a via dos anos 1960-1970.

organização da moradia, certas normas e a concepção de conforto junto aos franceses (ELEB; CHÂTELET, 1997).

Ainda atualmente somente alguns projetos experimentais chegam a integrar as modificações da sociedade, tais como a coabitação, a assincronia das atividades do grupo doméstico ou o trabalho a domicílio, por exemplo. A produção habitual não leva senão raramente em conta observações sobre os estilos de vida. E, em face de uma escassez de moradias, a qualidade da oferta e a real satisfação dos moradores não pode mais ser avaliada.

Naquelas famílias em que, atualmente, o encontro ao redor da mesa ou na sala de estar é valorizado muito embora cada um igualmente viva em seu ritmo, um quarto pessoal que permita numerosas atividades, inclusive ruidosas, é uma aspiração. Não poderia ele igualmente ser considerado como um local de recepção íntima? Para responder à necessidade de se estar só ou de se dedicar a atividades ruidosas sem incomodar o restante do grupo doméstico, foram propostos cômodos de recolhimento, de retirada, à imagem desta "*insula*", espécie de alcova que permite o isolamento, em contraste com o restante do apartamento que é muito aberto, ou como estes quartos individuais isolados acusticamente e associados a um grande espaço comunitário.

Interrogar-se acerca das relações entre os pais e filhos, equivale igualmente a repensar a questão da autonomia e da dependência na moradia, a questão do lugar e do tamanho dos cômodos da vida em comum e dos territórios privativos, respectivamente. A ideia segundo a qual os diferentes habitantes que dividem um mesmo apartamento seriam indivíduos coabitantes, e não uma família com objetivos unificados e desejos da mesma ordem, é uma das tendências que se propaga na sociedade francesa¹⁴. Caso seja organizado o espaço de modo a propor uma autonomia possível a cada um, estar-se-á permitindo uma resposta a estas questões.

Aumentar a cozinha ou multiplicar as áreas dos sanitários, iluminá-los ou abri-los para sacadas ou *loggias*, equivale a fazê-los passar do papel habitual referente a uma área de serviço àquele de espaço habitável, quicá local de prazer. Numerosas atividades externas encontram-se atualmente privatizadas, internalizadas na habitação. Encontrar um lugar para os objetos do conforto ainda permanece uma questão atual, enquanto multiplicam-se na casa os equipamentos ligados ao lazer ou ao trabalho: computadores de toda espécie, televisores, de tela plana ou não, posicionados na sala de estar ou no quarto da criança, bicicletas ergométricas, etc. Estes novos estilos de vida exigem mais espaços qualificados, levando melhor em conta práticas, novos rituais e requerendo um melhor isolamento acústico no interior da moradia.

O aspecto social do desenvolvimento sustentável aparenta-me ligado ao ato de levar em conta as fases da vida: evolução das representações e das novas condições das diferentes faixas

¹⁴ Cf. os trabalhos de François de Singly e, especialmente, **Libres ensemble**. L'individualisme dans la vie commune, Paris, Nathan, 2000.

etárias (individualmente ou em casal, com ou sem filhos, idoso ou muito idoso...) e, por conseguinte, sucessão de passagens da vida. Estas situações têm, há muito tempo, levado a sonhar que o *habitat* evolua e se adapte, que a sua área aumente ou seja reduzida em função dos momentos, sem que se deva abandonar o seu espaço familiar, o seu bairro, a escola das crianças, os seus vizinhos-amigos, os seus comerciantes. Um espaço flexível, até mesmo modular e, portanto, reversível, permitindo evitar o deslocamento/mudança caso se esteja ligado ao seu bairro, à sua vizinhança. Trata-se de um ponto de vista oposto à ideia de mobilidade externa e que valoriza uma espécie de mobilidade em sua própria morada, tanto mais quanto é atualmente reduzida a atual oferta de imóveis. Em 2005, o número médio de pessoas por moradia equivale a 2,31, ele estará (talvez) compreendido entre 2,04 e 2,08 em 2030 segundo o INSEE, pois os comportamentos de coabitação mudaram: cada vez mais pessoas vivem sozinhas e a vida em casal aparenta estar sendo menos desejada¹⁵.

Quais estilos de vida nos indicam estas reflexões? Podemos arriscar dizer que exista uma tendência a sempre mais se valorizar a sociabilidade entre pares, comparativamente ao casal. A se valorizar os coabitantes, uma vida comum onde os espaços compartilhados não signifiquem uma partilha própria à vida em casal. A tendência aparenta ser de *familiarizar* as relações de amizade em espaços que o permitam, com ambientes em comum, partilhados mas com intimidade protegida. Por outra parte, a presença cada vez mais habitual de filhos adultos em casa, impõe como nunca a questão da coabitação intergerações, em razão da crise econômica, mas igualmente em função da maior tolerância atual dos pais *vis-à-vis* da vida sexual dos seus filhos. E isso requer soluções espaciais. Com efeito, atualmente muitos filhos adultos ainda vivem com os seus pais e, por vezes, com o seu par conjugal¹⁶. Como organizá-las, como evitar os atritos quando tantas atividades se encontram? A demanda por moradia acompanha estes novos estilos de vida. Embora seja possível observar em alguns projetos uma adaptação a esta situação, como por exemplo a coabitação entre pais e filhos adultos facilitada pela anexação de um *studio* ao apartamento principal¹⁷, por via de regra, as evoluções das estruturas do grupo doméstico ainda não são senão muito raramente levadas em conta. Esta coabitação pode igualmente concernir um adolescente em transição, um jovem adulto, um jovem casal ou uma avó. Estes são, após os exemplos no *habitat* social, os promotores privados que investem neste dispositivo há alguns anos. Alguns projetos HLM¹⁸, ainda muito pouco numerosos, tentam adotar a reversibilidade: eles propõem moradias "banalizadas", por exemplo, com 3 cômodos, as quais poderiam posteriormente ser alugadas a famílias.

¹⁵ "Há 20 anos o casal perde espaço" escreve Alain Jacquot (membro da divisão da moradia do INSEE) . E ele continua "em 1982, 83% dos homens de 35 anos viviam em casal, em 2005, 71% assim estavam (junto às mulheres: 85% e 74%). A 35 anos, em 2005, 11,3% das mulheres são chefes de uma família mono-parental e 8,7% viviam sozinhas (em 1982, 6,7% e 4,5%)".

¹⁶ E quando eles o deixam, é com maior frequência para viverem sozinhos, ainda que seja provisoriamente (INSEE, 2009)

¹⁷ Ele pode estar situado ao lado, acima ou abaixo e a solução mais fácil reside em dispor de um cômodo equipado perto da entrada da moradia.

¹⁸ N.T.: Habitação de Aluguel Moderado. Em francês, *Habitations à Loyer Modéré*.

Trabalhando em um sítio, analisando o contexto histórico e geográfico, sonhando e projetando uma construção, os arquitetos permitem aos habitantes inserirem a sua própria história, construindo esta história atribuindo-lhe um substrato material do qual eles vão se amparar. O *habitat* não é um produto, ele deve nos oferecer um prazer cotidiano, estimular os sentidos e ajudar-nos a nos encontrarmos, permitindo a nossa transformação e evolução. Falar do futuro do *habitat* equivale, igual e eventualmente, a compreender as razões que levaram, no passado, ao advento de mudanças, além de corresponder a aprender a reconhecer as soluções às vezes experimentadas demasiado precocemente, pois não estavam sintonizadas aos estilos de vida e aos valores, mas que permaneceram pertinentes para o futuro.

Os efeitos de todas estas ideias sobre o espaço da moradia ainda são pouco visíveis, embora elas constituam as demandas dos moradores. Quando estes últimos reivindicam o ato de levar em consideração o seu estilo de vida, eles obtêm como resposta duplo fluxo, isolamento, painéis solares, etc. Estas técnicas podem ou devem ser utilizadas, mas elas não podem se sobrepor ao respeito pelos rituais e pela cultura habitacional de uma sociedade e, portanto, pelo trabalho referente à distribuição da moradia em sintonia com a evolução das mentalidades, dos desejos, dos prazeres, tal como eles são expressos aqui e agora.

Referências

BECHMAN, R. Maisons extensibles et transformables. **La maison française**, n°19, 1948.

ELEB, M. **L'apprentissage du chez-soi**. Le Groupe des Maisons Ouvrières, Paris, Avenue Daumesnil, 1908. Marseille: Éditions Parenthèses, 1994, 122 p.

ELEB, M.; CHÂTELET, A-M. **Urbanité, socialite, intimité**. Dès logements d'aujourd'hui. Paris: Ed. de L'Épure, 1997.

FORTY, A. **Object of desire**. Design and society since 1750. London: Thames and Hudson, 1992.

INSEE. **Enquête Projection des Ménages**, France métropolitaine à l'horizon 2030, 2009.

KNIBIEHLER, Y. **Histoire des femmes**. Tomo IV. Sob a direção de G. Duby e M. Perrot. Paris: Plon, 1991.

KNIBIEHLER, Y. **Les pères aussi ont une histoire**. Ed. Hachette, 1987.

LAPRADE, A. Introduction à Habitations collectives. In: BOURGET, P. **Documents d'architecture française contemporaine**. Paris: ed. Jacques Vautrain, 1950.

MOLEY, C. La genèse du jour/nuit: scission de l'espace du logement en deux parties. In: ELEB, M. (ed.). La maison, espaces et intimités. **Extenso**, n°9, École d'architecture de Paris-Villemin, 1985, p.259-281.

NEITZERT, F. **La chambre d'enfant.** Représentations et pratiques. Plan Construction et Architecture, 1990.

SIMON, P.; LECLERCQ, F. (ed.). **Sous les toits de Paris.** Catalogue d'Exposition, Pavillon de l'Arsenal, setembro de 1994.

SONREL, P. Les fonctions de l'habitation. **Techniques et Architecture**, vol. VII, n.5-6, 1947, p.242-243.